

ENCONTRO DE SABERES: PROJETO COMUNIDADE TERRITÓRIO ILHOTA

Cláudia Vicari Zanatta
Fernanda Lenzi

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto
de Artes/ Grupo Poéticas de Participação
Brasil*

Resumo

• • •

O trabalho conta com práticas colaborativas que visam intensificar os laços entre a comunidade, a universidade e a cidade. Entre as atividades realizadas estão o plantio de mudas na comunidade, oficinas de vasos cerâmicos para o plantio e geração de renda, produção de mosaicos nas fachadas das casas, oficinas de comunicação e de criação em argila do mapa do antigo Território Ilhota, bem como estudos sobre a história do local, conversas, entrevistas e atividades de formação.

Palavras-chave: Cidade. Território. Comunidade. Universidade. Participação.

Resumen

• • •

El proyecto Comunidade Território Ilhota es fruto de una colaboración entre Comunicarte, asociación de moradores de Vila Renascença I (ubicada en una región de Porto Alegre que ya tuvo el nombre de Ilhota) y el grupo “Poéticas da Participação”, del Instituto de Artes de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, en el sur de Brasil.

Iniciado en 2015 y financiado por una convocatoria del “Fundo Socioambiental Caixa”, el proyecto

adopta la noción de ecología de saberes, conforme propone el sociólogo portugués Boaventura de Sousa Santos, y tiene en cuenta la memoria de lucha por la construcción de la ciudad del pueblo de Ilhota. (Esta comunidad, compuesta en su gran mayoría por descendientes de esclavos, sufría con frecuentes desbordamientos de aguas).

El trabajo cuenta con prácticas colaborativas que visan intensificar los lazos entre la comunidad, la universidad y la ciudad. Entre las actividades realizadas se encuentran la plantación de mudas en la comunidad, talleres de vasos de cerámica para la plantación y la generación de renta, producción de mosaicos en las fachadas de las casas, talleres de comunicación y de creación en arcilla del mapa del antiguo Territorio Ilhota, así como estudios sobre la historia del local, conversatorios, entrevistas y actividades de formación.

1. O projeto e seu contexto

• • •

Ilhota é o nome antigo de uma região em Porto Alegre formada por uma comunidade composta em sua grande maioria de descendentes de escravos. A Ilhota situava-se em um terreno de várzea, o qual sofria frequentes alagamentos, pois pelo local passavam os arroios Dilúvio e Cascatinha. Esta terra era inundada constantemente pela água, mas também pela vida de uma comunidade que ali cresceu com sua cultura expressa através dos batuques, das danças, dos ritmos e das festas organizadas pela população negra (FRANCO, 1992).

A ocupação da Ilhota remonta ao século XVIII, portanto anterior à abolição da escravatura no Brasil, e

está fortemente ligada à história dos Riachos Dilúvio e Cascatinha. A porção de terra que foi denominada Ilhota era um braço do riacho Dilúvio que serpenteava, quase formando uma ilha, ponto onde também desembocava o arroio Cascatinha, aumentando o volume de água. Em função desta condição geográfica, este terreno sofria constantes alagamentos. A Ilhota era um lugar distante da cidade, inóspito, e exatamente por isso era para onde escravos fugiam e criavam quilombos.

No decorrer do século XX, Porto Alegre cresceu e a população local pobre, incrementada pela chegada de famílias também de poucos recursos financeiros vindas do interior rural, permaneceu na área, pois, apesar das más condições de moradia, o local estava já muito perto da área urbanizada, o que facilitava o acesso ao trabalho na cidade. Os moradores faziam a travessia do arroio por pequenos barcos. Uma profissão muito comum às moradoras da Ilhota era a de lavadeira (nas águas do riacho).

Nos anos 40, ocorre a retificação do trajeto do Riacho Dilúvio e o aterro da região Ilhota, objetivando acabar com os alagamentos no local. No final dos anos 60, com a modernidade e crescimento urbano, tem início um processo de gentrificação⁴⁹ no local, o qual acabou por remover os moradores da Ilhota para um novo bairro, muito afastado do centro da cidade, o bairro Restinga Velha. Na época, uma iniciativa do Governo Federal lançou o projeto CURA (Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada),

⁴⁹ Palavra originária do termo inglês *gentrification*, indicando profunda alteração na dinâmica e composição de uma região ou bairro no sentido de sua valorização comercial. Tais processos historicamente afetam negativamente a população de baixa renda residente nestes locais, as quais frequentemente são removidas para a periferia das grandes metrópoles.

eliminando definitivamente a Ilhota, desmembrando o território em vários bairros, os quais foram saneados, o que possibilitou a edificação de um grande ginásio de esportes (Ginásio Tesourinha) e de um centro de cultura (Centro Municipal de Cultura). (ALBINO, 2015).

A Vila Renascença I nasce neste período de transição da Ilhota. Segundo a história oral, contada por alguns dos atuais moradores do local⁵⁰, na época do despejo, uma ou duas famílias não quiseram ir para a Restinga Velha e se esconderam atrás das plantas de maricás, na rua Dezesete de Junho, uma das ruas da Ilhota. Com o tempo, outros moradores se juntaram a eles. Atualmente, vivem no local em torno de 50 famílias. A área hoje é parte da região central da cidade e é uma parcela de um conjunto de vilas formadas por habitantes remanescentes da Ilhota. Tais vilas estão escondidas entre os bairros de classe média Menino Deus, Cidade Baixa e Azenha e se compõem de moradias de interesse social, a maioria regularizada nos anos 90 com recursos públicos do orçamento participativo de Porto Alegre, sendo que um destes conjuntos foi reconhecido como quilombo urbano⁵¹.

Tendo presente a memória de luta pela construção da cidade do povo da Ilhota, criamos o projeto aqui apresentado, Projeto Comunidade Território Ilhota, o qual tem como objetivo o fortalecimento comunitário junto aos atuais moradores remanescentes do antigo Ilhota. O projeto é fruto de uma parceria

⁵⁰ Informações obtidas na Revista Território Ilhota, número 1, Ed. Bertalha, Belo Horizonte, 2016.

⁵¹ Quilombo do Areal da Baronesa, regularizado oficialmente em 2015. Atualmente, Porto Alegre regularizados os quilombos do Areal da Baronesa, Quilombo dos Alpes, Quilombo da Família Silva e Quilombo da Família Fidelix.

entre a Comunicarte⁵², associação de moradores da Vila Renascença I (que está localizada na região que já levou o nome Ilhota), e o grupo Poéticas da Participação⁵³, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ligado à pesquisa e extensão universitárias. Em 2015, no seio da comunidade remanescente, mais precisamente na Vila Renascença I, nasceu a demanda pela qual surge o Projeto Comunidade Território Ilhota.

Na Vila Renascença I funciona uma associação de moradores chamada Comunicarte. Constituída como ONG, é a forma pela qual a vizinhança se aproxima e se organiza para debater sobre as relações sociais com a cidade e o acesso aos equipamentos públicos. Essa entidade, através de seu trabalho comunitário, elabora projetos socioambientais, culturais e de inclusão social. A figura da líder comunitária Angélica Mirinhã⁵⁴ tem grande importância como elo agregador neste contexto, pois ela, como agitadora cultural e política, é a pessoa que congrega as pessoas para a realização das ações na vila.

Inicialmente, Angélica Mirinhã procurou a universidade (UFRGS) buscando uma parceria que se interessasse em oferecer oficinas de cerâmica para a produção de vasos, pois os moradores, que já

⁵² Entidade constituída por moradores da Vila Renascença I, cujo trabalho comunitário se volta à elaboração de projetos culturais e ambientais para qualificar as relações sociais entre os moradores e favorecer o acesso aos equipamentos públicos. Blog da Comunicarte: <http://territorioilhota.wixsite.com/ilhota>

⁵³ Grupo de pesquisa e extensão voltado à arte pública participativa. Coordenado por Cláudia Zanatta, compõem o grupo os alunos Fernanda Lenzi, Bruna Rodrigues, Tayhu Gehrs, Thiago Rhuee e Marina Taffarel. Informações disponíveis sobre o grupo Poéticas da Participação em: <<http://cidaniaearte.wix.com/ufrgs>>.

⁵⁴ Moradora da Vila Renascença I que tem expressiva representatividade na luta pelos movimentos ligados à habitação popular em Porto Alegre. Atualmente é uma das líderes da Central de Movimentos Populares (CMP).

praticavam o plantio de hortas e plantas, perceberam o potencial da atividade.

A partir deste encontro, se desenvolveu a parceria de trabalho entre comunidade e universidade. Iniciadas as conversas de aproximação, baseadas na escuta mútua entre comunidade e grupo Poéticas da Participação, a ideia inicial foi ampliada e desenhamos e escrevemos colaborativamente o Projeto Comunidade Território Ilhota, que posteriormente foi contemplado por um edital de incentivo⁵⁵ do Fundo Socioambiental CAIXA, cuja temática é “Desenvolvimento Sustentável para fortalecimento de comunidades”.

O Fundo Socioambiental Caixa, vinculado à Caixa Econômica Federal, através do Fundo Casa, financia pequenos projetos de fortalecimento de capacidades para iniciativas socioambientais de ONGs e grupos comunitários na América do Sul. Entre as áreas que apoia está a da cultura. No site da fundação consta a seguinte visão de trabalho que orienta suas ações:

O FUNDO CASA financia pequenos projetos de entidades socioambientais para ampliar sua capacidade de negociação e o desenvolvimento institucional. Assim, busca criar condições para que pessoas e grupos se fortaleçam e consigam melhores resultados nas suas ações, visando à sustentabilidade socioambiental no território sul-americano. (FUNDO CASA, 2015).

A chamada pública 002\2015⁵⁶, na qual o Projeto foi contemplado, destacava entre seus objetivos

⁵⁵ Informações sobre as ações apoiadas pelo Fundo Socioambiental disponíveis em: <<http://www.caixa.gov.br/sustentabilidade/fundo-socio-ambiental/Paginas/default.aspx>>.

⁵⁶ Edital disponível em <http://www.caixa.gov.br/Downloads/fundo_socioambiental_fsa/Edital_Chamada_Publica_II_Fundo_CASA_OAK_Foundation.pdf>, consultado em 26 de novembro de 2016.

principais o de apoiar projetos que visassem fortalecer a entidade comunitária apoiada, visando aumentar sua capacidade de gestão, eficácia institucional, elevando sua capacidade de alavancar fundos adicionais. Também foram valorizados projetos que promovessem a liderança e a participação de mulheres dentro de suas organizações, que contribuissem para a transformação das condições sociais e/ou ambientais de comunidades e grupos urbanos e rurais e que incluíssem ações de capacitação/formação e ações para geração de renda. Este apoio foi um passo fundamental para o aporte financeiro para a realização das atividades do projeto.

O projeto Comunidade Território Ilhota vem trabalhando com práticas colaborativas que visam intensificar os laços entre a comunidade, a universidade e a cidade. Buscando uma prática que compreendesse as diversas formas de conceber e construir a cidade, se deu a aproximação entre saber comunitário, ou popular, saber acadêmico e saber artístico. O diálogo entre as narrativas da comunidade e dos pesquisadores em arte, mediado por uma série de atividades realizadas (plantio de mudas na comunidade, oficinas de vasos cerâmicos para o plantio e geração de renda, produção de mosaicos nas fachadas das casas, oficinas de comunicação e de criação em argila do mapa do antigo Território Ilhota, bem como realização de estudos sobre a história do local, conversas, entrevistas e atividades de formação, além de produção de material de registro e acervo de tudo o que vem sendo construído colaborativamente), vem norteando o desenvolvimento do projeto desde o final de 2015. Para a realização desta proposta, os encontros são semanais e acabaram por envolver o estabelecimento de uma parceria com o

Centro Municipal de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre⁵⁷, para utilização do atelier de cerâmica pelos moradores da Vila Renascença I.

2. Um referencial teórico do projeto Comunidade Território Ilhota

• • •

O projeto Comunidade Território Ilhota tem seu marco teórico vinculado ao conceito de ecologia dos saberes, proposto pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, o qual se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em interações sustentáveis e dinâmicas entre diferentes parceiros sem comprometer a sua autonomia (SANTOS, 2013). Esta perspectiva se mostrou de grande importância para pautar a comunicação e o modo de ser do projeto, na compreensão das suas limitações e das suas potencialidades, pois uma de suas premissas é a de que um conhecimento não tem primazia sobre o outro (popular ou erudito).

A característica fundamental do pensamento de Santos é de que não podemos determinar os saberes em termos generalistas e abstratos, mas que os conhecimentos são determinados pela prática da vida. Para o sociólogo, uma ecologia de saberes é sobretudo uma ecologia da prática de saberes (SANTOS, 2008), pois na construção de uma epistemologia

⁵⁷ O atelier é uma escola livre de arte, localizada no Centro Municipal de Cultura (CMC), cujo prédio foi construído no âmbito do referido projeto CURA, e está situado no coração do terreno que antigamente foi a Ilhota. Inclusive CMC leva o nome de um ilustre morador da Ilhota, Lupicínio Rodrigues, o qual se destacou como músico e compositor. Por situar-se próximo à Vila Renascença I, a parceria firmada com CMC é muito importante, pois o acesso ao atelier de cerâmica do CMC não envolve necessidade de recursos financeiros para o deslocamento dos moradores até o local. A parceria inclui o uso dos ateliers e dos fornos para a queima da produção cerâmica.

pragmática, o conhecimento se dá como intervenção no real, e não na representação dele. Boaventura afirma que o conhecimento nascido “na luta” mantém o saber em aberto (SANTOS, 2012). Este se sustenta em seu vínculo local e contextual, pois está vinculado com a prática do conhecimento e possibilita as narrativas dos que podem ser vencedores ou dos que podem ser perdedores. Ao contrário, o conhecimento construído “após a luta” considera o conhecimento em separado - é o conhecimento científico, o qual tem limites intrínsecos em relação ao tipo de intervenção que propõe no mundo real (SANTOS, 2013). A esses limites Boaventura chama de “linhas abissais”, as quais indicariam o limite do conhecimento para a ciência, e a conseqüente negação de tudo o que está “do outro lado da linha”, que são tidos como superstição, opinião subjetiva, saber popular.

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso (...) assim, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa, de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem nem aos critérios científicos de verdade nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia. (SANTOS, 2013).

Boaventura Santos busca reconhecer a importância do saber científico, mas também dar consistência epistemológica ao saber propositivo ancorado na vivência.

A ecologia de saberes exerce-se pela busca de convergências entre conhecimentos múltiplos. Para haver relações entre saberes

são precisas duas condições (...). Trata-se, por um lado, de averiguar em que medida a ausência de outros saberes é o resultado de uma ocultação produzida pela epistemologia que consagra o conhecimento hegemônico como único. Trata-se, por outro lado, de averiguar e ampliar os sinais de saberes apenas emergentes nas práticas de saberes. (SANTOS, 2008).

O referencial teórico indicado acima teve e tem muita importância em nossa prática, pois à medida que as interações aconteciam dentro do escopo do projeto e os grupos se aproximavam, sempre esteve presente o cuidado para que o saber acadêmico não se propusesse em sua forma usualmente hegemônica, como detentor de soluções. A concepção, por parte do grupo Poéticas da Participação, das limitações das epistemologias científicas das ciências humanas e da tendência de se trabalhar junto a comunidades, muitas vezes de um modo assistencialista, foi sempre considerada como possibilidade de identificação da complexidade das diversas camadas de ação de muitos processos de arte comunitária e da necessidade de estarmos atentos a eles de modo crítico. Trabalhar junto a um parceiro com larga tradição de movimentos populares e de luta pelo direito à cidade trouxe ao projeto um aporte de saberes históricos e sociais extremamente relevantes, especialmente porque oriundos da vivência no campo social concreto. Em uma das falas da líder comunitária Angélica Mirinhã fica claro também o aporte da universidade aos moradores da comunidade: “trazer conteúdo reflexivo crítico para dentro do movimento”, se referindo à necessidade de embasamento teórico para a prática vivida ao longo dos anos pela comunidade na defesa e manutenção de seu território. Nesta fala, Mirinhã incorpora argumentos que foram suscitados durante

as oficinas que aconteceram no projeto, como na “oficina de mapas”.

A oficina que tratou de mapear a região que abarcava a Ilhota foi fruto de uma extensa pesquisa colaborativa em mapas históricos⁵⁸ e no mapa atual da cidade de Porto Alegre. Foram identificados os trajetos antigo do Riacho Dilúvio e da retificação deste, ocasião em que passou a chamar-se Arroio Dilúvio. Também foram mapeados diversos outros pontos de relevância simbólica e cultural na história da comunidade afrodescendente. No estudo, foi identificada a localização original da Ilhota e comparada à localização da Vila Renascença I, o que nos permitiu reafirmar o vínculo de pertencimento ao território. Diversas relações se estabeleceram nesta oficina através da memória, história oral, fontes históricas, fotografias antigas e dos próprios mapas, nos quais o trabalho artístico teve relevante papel na perspectiva da fusão das informações coletadas em diversas fontes com a memória e curiosidade de cada participante para produzirem novos mapas, muitos deles subjetivos, pois ligados à afetividade. Houve emergência de novos assuntos e conteúdos relevantes, tanto para a comunidade quanto para a universidade.

Ao longo do ano de 2016, foram promovidas semanalmente atividades de plantio e de arte cerâmica. Observa-se entre os moradores, principalmente os que participam ativamente da associação Comunicarte, uma grande preocupação com o meio ambiente. As atividades de plantio foram incentivadas pelos que já tinham contato com o manejo de hortas urbanas, especialmente com a horta “Jardim Gordo”,

⁵⁸ Google Mapas (2016) e Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do RS (1906).

que foi uma experiência anterior na vila⁵⁹. A área em que hoje vem sendo realizado o plantio é a margem do Arroio Dilúvio. Um pedaço estreito de terra, com gramado, entre o arroio e uma autopista de grande movimento. Neste lugar foi instalada uma mesa de cultivo de mudas, especialmente ornamentais. Há moradores que incorporaram o cuidado com o cultivo nas suas rotinas diárias, regando e mantendo o viveiro para posterior plantio definitivo nos vasos produzidos pela comunidade.

As atividades em cerâmica se dividem em duas frentes: instalações de mosaicos nas fachadas das casas, buscando intervir na paisagem urbana trazendo beleza e alegria ao olhar e oficinas de cerâmica, nas quais o foco principal é a produção de vasos em cerâmica com objetivo de constituir um coletivo de trabalho para geração de renda aos integrantes. Tal atividade está integrada à cultura de plantio, pois os vasos produzidos são vendidos em feiras já com plantas.

3. Considerações Finais

• • •

Após dois anos de desenvolvimento do Projeto Comunidade Território Ilhota, percebemos na vivência prática o complexo e rico que é aproximar dois contextos com trajetórias tão diferenciadas quanto são as da comunidade da Vila Renascença I e a da universidade. Com o andamento das atividades semanais, passamos a reconhecer uma transformação

⁵⁹ Em 2004, em um terreno cedido pela prefeitura da cidade funcionou durante cinco anos a horta comunitária. Ao final desse período, a prefeitura solicitou a entrega do terreno e hoje a comunidade está reivindicando novamente o direito de plantio na área, que se encontra inativa. Moradores contam que o nome dessa horta foi dado em um momento em que uma moradora estava adubando a terra do canteiro em frente à sua casa e um vizinho lhe perguntou “- O que está fazendo vizinha?” e ela respondeu “- Estou engordando meu jardim”.

no entendimento da cidade, com cada participante buscando conhecer a história social desta também a partir das fontes primárias, constituindo um modo de aprender a ouvir e percebendo no saber popular um gênero vivo de conhecimento. O cruzamento de diferentes razões/emoções, subjetividades e ações colaborativas práticas trazem uma compreensão de que a vida na cidade é algo orgânico, feito de laços nos quais um elemento afeta diretamente o outro. Partilhar histórias marcadas por participação popular ligada às políticas públicas, direito à cidade, dinâmicas de exclusão, desigualdades sociais e segregação urbana, luta pelo empoderamento das mulheres e das famílias gerou conhecimento e autocohecimento para todos. E reforça o que o pensador Paulo Freire nos indicava ao chamar a atenção para a o fato de que uma das características do ser humano é ser incompleto. A partir do Projeto Comunidade Território Ilhota, nos reconhecemos em nossa incompletude e entendemos que a aproximação entre saber popular e acadêmico, teoria e prática quando embasados em relações sociais concretas é um caminho fértil para a melhoria da vida de cidadãos habitantes das atuais metrópoles contemporâneas.

Referências

...

ALBINO, Airan. Ilhota: o bairro com enchentes de contos. Site Nonada Jornalismo Travessia. 2015. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2015/06/ilhota-o-bairro-com-enchentes-de-contos/>>. Acesso em 23-05-2016. Acesso em: 27 nov. 2016.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNDO CAIXA. Caixa Econômica Federal. Site. 2015. Disponível em <http://www.caixa.gov.br/sustentabilidade/fundo-socio-ambiental/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2016

Revista Ilhota. Belo Horizonte: Editora Bertalha, n. 1, 2016. Disponível em <<http://territorioilhota.wixsite.com/ilhota/revista-ilhota> >. Acesso em: nov 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São. Paulo; Editora Cortez. 2010.

_____. A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

_____. Segundo encuentro del ciclo espacios de-coloniales. Conferência realizada na Universidad Nacional de Rio Cuarto, Córdoba, Argentina. 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WVtM-zklvr7c>> e <http://www.unrc.edu.ar/unrc/n_comp.cdc?nota=27418> Acesso em: 19 nov. 2016.

STUMVOLL, Denise B. Fotografia e aproximações com a arte no início do século XX: um olhar para as narrativas visuais de Lunara. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2014. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114657>> acessado em 26 de novembro de 2016.

TERRITÓRIO ILHOTA. Blog Território Ilhota. 2016. Disponível e: <<http://territorioilhota.wixsite.com/ilhota>>. Acesso em 25 nov. 2016.

ZAMBONI, Vanessa. Construção social do espaço, identidades e territórios em processos de remoção. O caso do bairro Restinga, Porto Alegre, RS. Tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24720/000746103.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

***Cláudia Vicari Zanatta**

Doutora em Arte Público pela Universidad Politécnica de Valencia y Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no curso de Artes Visuais, Graduação e Pós-Graduação. Em suas pesquisas, dedica-se à arte pública participativa. Coordena o grupo de pesquisa Poéticas da Participação. E-mail: claudia.zanatta@ufrgs.br.

****Fernanda Lenzi**

Graduada em Artes Visuais – Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Artista visual com atuação arte urbana participativa. Arte educadora em projetos sociais e culturais. Participa do grupo de pesquisa Poéticas da Participação. E-mail: fernandalenzi007@gmail.com.